



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A PRODUÇÃO DO DISCURSO NA PROSA E NA POESIA: ESTRATIFICAÇÃO E ESTÉTICA EM BAKHTIN⁶⁴⁴

Emerson Tadeu Cotrim Assunção*
(UESB)

Margareth Correia Fagundes Costa**
(UESB)

RESUMO

O russo Mikhail Bakhtin foi um pensador, filósofo, teórico de artes e cultura. Lembrado como um dos maiores estudiosos da linguagem humana, suas obras influenciaram muitos pensadores de diversas áreas: crítica da religião, estruturalismo, semiótica, marxismo; e de diversos segmentos como: a psicologia, antropologia, história, filosofia, linguística, crítica literária, entre outros. Neste artigo, procurou-se discutir, na perspectiva Bakhtiniana, a estratificação da linguagem com vistas ao que serão definidos como movimentos centrífugos e centrípetos da prosa e da poesia, respectivamente. Pelo viés da crítica literária, foi possível compreender não só como ocorre a estratificação da linguagem, mas entender a definição do contexto literário que vai do Dogmatismo autoritário da Idade Média ao Dogmatismo racionalista dos séculos XVII e XVIII; do Individualismo realista e crítico de estilo pictórico ao Individualismo relativista – época contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Prosa. Poesia.

⁶⁴⁴Artigo inspirado pelas discussões do Grupo de Estudos do Letramento: Práticas Sociais de leitura e Escrita, do Museu Pedagógico UESB.

* Graduado em Letras (UNEB, 2006). Especialista em Literatura Brasileira (UNEB, 2011). Professor de Língua Portuguesa da UESB/DEBI, *campus* Itapetinga. E-mail: emersonbrumado@hotmail.com.

** Mestre em Linguística (UFPE, 2010). Professora da UESB/DEBI *campus* Itapetinga. Integrante do Grupo de Estudos do Letramento - Práticas Sociais de Leitura e Escrita - do Museu Pedagógico/UESB. E-mail: margarethcfagundes@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

INTRODUÇÃO

Até início do século XX não havia a colocação dos problemas da estilística no romance que contemplasse a sua realidade concreta e que desse o devido lugar ao romance, antes analisado como discurso poético, sob orientação da estilística tradicional.

Somente na década de 20 surgem análises estilísticas concretas para o romance na tentativa de difundir uma tomada de consciência sobre a originalidade estilística da prosa literária, em relação à poesia. Ainda assim, havia até aqui uma tendência a evidenciar as descrições linguísticas do romancista e os pesquisadores limitavam-se a destacar elementos estilísticos isolados, fugindo da unidade estilística e da palavra romanesca.

Bakhtin (2002) apresenta *unidades estilísticas heterogêneas* presentes no romance: a narrativa direta e literária do autor; a estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral; estilizações de diversas formas da narrativa (escrita)semiliteráriatradicional; diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declamação, retórica, descrições etnográficas, informações protocolares etc. e os discursos dos personagens, estilisticamente individualizados.

Propõe, portanto, que o romance é fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal e a originalidade estilística desse gênero está na combinação das unidades subordinadas que ganham independência no todo. “O estilo do romance é uma combinação de estilos; sua linguagem é um sistema de línguas”. Para o autor, o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente e em relação à sua constituição acrescenta:

A estratificação interna de uma língua nacional em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos) enfim, toda estratificação interna da cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável ao gênero romanesco. (BAKHTIN, 2002, p. 74).

Esse diálogo social presente no romance e sua dimensão estratificadora escapam à estilística tradicional que ora faz uma descrição da linguagem do romancista ou toma uma das suas unidades estilísticas (estilos subordinados) como um todo. A estilística tradicional e suas categorias estabelecidas (voltadas para poética) não dão conta das particularidades do romance. As categorias e os processos metodológicos estão voltados para os gêneros unilíngues, monoestilísticos – os gêneros poéticos.

Para Bakhtin a filosofia da linguagem, a linguística e a estilística conhecem duas dimensões do discurso: o sistema da linguagem única e o indivíduo que fala. Criaram os conceitos de “sistema de língua”, “enunciação monológica”, “fala do indivíduo”, mas seu conteúdo permanece estável e ligado aos destinos das línguas européias, ocorrendo assim condicionamentos de categorias estilísticas por forças de destinos históricos. Forças essas que primavam pela unificação e centralização das ideologias verbais, decorrentes de processos de centralização sócio-políticos e cultural:

A poética de Aristóteles, a poética de Agostinho, a poética eclesiástica medieval de “única língua de verdade”, a poética cartesiana do neoclassicismo, o universalismo gramatical abstrato de Leibniz (a idéia de “gramática universal”), o ideologismo concreto de Humboldt, com todas as diferenças e nuances, expressam as mesmas forças centrípetas da vida social, linguística e ideológica, servem a mesma tarefa de centralização e de unificação das línguas européias. (BAKHTIN, 2002, p. 80)

No entanto, essas forças centrípetas exercidas pela linguagem atuam num ambiente de plurilinguismos e vai encontrar as mais diferenciadas linguagens e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

suas especificidades que também exercem forças, só que no sentido contrário. Assim, ao lado das forças centrípetas lutam as forças centrífugas e seus processos de descentralização e desunificação. Nesse ponto, Bakhtin assegura que os gêneros poéticos nascem das forças centrípetas e que o romance e demais gêneros, que atraí para si, nasceram das forças centrífugas e descentralizadoras.

Em seu livro *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, Bakhtin chama atenção para o fenômeno do dialogismo que se encontra em graus e modos diferenciados nas manifestações da linguagem e concentra atenção para a orientação dialógica na prosa, em contraponto com a poesia. Assevera que a estilística, naquele momento, apontava para um discurso cíclico, auto-referente, neutro e sua orientação para o objeto se dava de maneira consensual, sem resistência pelos discursos do outro. No entanto, os discursos não se encontram ligados aos seus objetos da mesma maneira. O discurso concreto está voltado para um objeto já dito, já falado e pode encontrar caminhos já clareados por discursos alheios ou, pelo contrário, pode encontrar caminhos obscurecidos. Os discursos, em relação aos seus objetos, perpassam caminhos densos de julgamentos, discordâncias etc. e é nesse espaço, muitas vezes, tenso que ele encontra a possibilidade de individualizar-se e manifestar-se, estilizando-se. Para Bakhtin, é nesse jogo de dupla face que se estabelece o discurso:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

Nessa perspectiva, para o prosador, o objeto do seu discurso reflete um multidiscurso social pelo qual vai ressoar a própria voz e cria uma imagem marcada pelo plurilinguismo que reflete e refrata a realidade, pelo diálogo ali presente. A dialogicidade interna do discurso é um dos componentes que marcam



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a produção discursiva – ação que visa a uma resposta, como também é marcada pela resposta que a antecede. Qualquer enunciação seja no plano artístico ou na vida real implica um fundo aperceptivo marcado pela respostas e objeções ao discurso de outrem. O locutor, com seu discurso, entra no mundo alheio de seu ouvinte e provoca uma resposta. A compreensão ativa, por sua vez, cria inter-relações, consonâncias e multissonâncias com o compreendido e enriquece o discurso com novos elementos.

A dialogicidade interna manifesta-se em todo discurso, mas Bakhtin (BAKHTIN, 2002, p.92) demonstra que na prosa e na poesia a dialogicidade manifesta-se de maneira distinta:

[...] na prosa literária, e em particular no romance, ela penetra interiormente na própria concepção de objeto do discurso e na sua expressão, transformando sua semântica e sua estrutura sintática. A reciprocidade da orientação dialógica torna-se aqui um fato do próprio discurso que anima e dramatiza o discurso por dentro, em todos os seus aspectos. Na maioria dos gêneros poéticos (no sentido restrito), conforme já afirmamos, a dialogicidade interna do discurso não é utilizada de maneira literária, ela não entra no “objeto estético” da obra, e se exaure convencionalmente no discurso poético.

Embora pareça contraditório, Bakhtin vai salientar o aspecto monologizante da poesia lírica em que a unidade e a unicidade de vozes são condições essenciais na caracterização composicional. O poema é marcado pela linguagem do poeta (mesmo tendo em vista a existência do Eu lírico – é ainda uma abstração) não há aqui demarcações espaço-temporal, caracterizações, especificações de vozes, logo são subjetivações representadas pela fala do poeta. Os elementos do plurilinguismo, em muitos casos, não entram no poema para exercer outras linguagens e dizer, diretamente, assumindo pontos de vistas, mas entram como coisa representada. Para Bakhtin, a poesia lírica, em especial, despessoaliza a linguagem dos seus dias, já a prosa apresenta os gestos das personagens, suas falas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

e pontos de vistas marcados por características sócio-ideológicas e históricas. No entanto, essas especificidades não desmerecem, nem desqualificam ou impedem a construção de sentidos no discurso poético, e tanto o discurso na poesia, como o discurso no romance resguardam a sua beleza e singularidade.

A distinção feita por Bakhtin entre discurso na poesia e discurso no romance ressalta as especificidades de cada estilo. Na poesia, o poeta monologiza a sua fala, desloca a palavra do uso cotidiano e faz do poema um “púlpito” da linguagem. No romance, a linguagem apresenta-se em seu aspecto objetal, semântico, expressivo e intencional, de maneira estratificada e o prosador acolhe as diferentes falas, as diferentes linguagens literárias e extraliterárias. Diferentemente do poeta, na feitura de sua obra, o prosador não alheia-se aos discursos de outrem, invoca e utiliza-se dos discursos sociais, permitindo o plurilinguismo – núcleo de sua obra e de suas intenções.

Em relação ao plurilinguismo, Bakhtin evidencia que o romance reproduz as mais variadas linguagens, desde a linguagem parlamentar ou jurídica, linguagem jornalística, a linguagem mercantil, a linguagem comum do dia-a-dia, a linguagem científica, a linguagem bíblica moralizante, ou seja, o romance introduz os modos sociais de fala, conforme as personagens em questão – tratadas pela narração. Esclarece que o romance humorístico traz uma estilização, geralmente paródica, das mais variadas linguagens e que o modo mais frequente de usos de linguagem e que serve de fundo à construção da narração é mesmo a “linguagem comum”.

Em relação a esse discurso de outrem, disposto no texto, Bakhtin salienta que seria impossível separar, com fronteiras nítidas, as vozes sociais e a voz do autor:

A fala de outrem, narrada, arremedada, apresentada numa certa interpretação, ora dispostas em massas compactas, ora espalhada ao acaso, impessoal na maioria das vezes (“opinião pública”, linguagens de uma profissão, de um gênero), nunca está nitidamente separada do discurso do autor: as fronteiras são



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

intencionalmente frágeis e ambíguas, passam frequentemente por dentro de um único conjunto sintático ou de uma oração simples, e às vezes separam os termos essenciais da oração. (BAKHTIN, 2002, p.113).

Segundo estudos bakhtinianos, o plurilinguismo social é introduzido no discurso das personagens e está também distribuído na fala do autor, criando “zonas particulares” pela transmissão do discurso dissimulado de outrem. Pelos mecanismos do discurso direto, do discurso indireto e do direto impessoal se dá a estratificação da linguagem e o jogo múltiplo dos discursos. Bakhtin apresenta outra forma de introdução e a organização do plurilinguismo no romance que é o gênero intercalado. Nesse tipo de romance há uma intercalação de gêneros diversificados tais como novelas, peças líricas, poemas, cartas, orações etc. e cada um desses gêneros conservam sua originalidade.

O plurilinguismo entra no romance pela pessoa que fala. Aí reside a originalidade estilística: o romance traz o homem que fala e sua palavra. Nessa perspectiva, Bakhtin esclarece três momentos específicos nesse jogo:

- 1- No romance, o homem que fala e sua palavra são objeto tanto de representação verbal como literária.
- 2- O sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social*, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que embrião), e não um dialeto individual.
- 3- O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideologema*. (2002, p. 135)

Em relação ao primeiro item, observamos que o discurso desse sujeito, no romance, não é apenas transmitido ou reproduzido, ele é representado artisticamente pelo próprio discurso, o que exige procedimentos formais típicos do enunciado e da representação verbal. No segundo item, fica nítida a ideia de que o que importa não é a palavra do sujeito em si, que, uma vez posta no romance, perde seu caráter de individualidade e assume sua força de estratificação da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

linguagem. O terceiro aspecto aponta para o fato de que uma palavra particular do romance aspira sempre uma significação social; enquanto ideograma o discurso se torna representação no romance, com um maior grau de esteticismo do que formalismo. “Quando um esteta se põe a escrever um romance, seu esteticismo, não se revela absolutamente na construção formal, mas no fato de que o romance representa uma pessoa que fala que é o ideólogo do esteticismo” (BAKHTIN, 2002, p.135).

No entanto, no romance o homem não é somente representado pela sua fala, mas também pelas suas ações, assim como no drama e na epopéia. É certo, como afirma Bakhtin, que no século XIX foi originado um tipo de romance em que a personagem é somente um ser que fala – uma variante das variantes temáticas do herói romanesco. Mas no geral o herói age no romance assim como o herói épico. Só que o herói romanesco possui fala desprovida de verdade totalizante, ao contrário do herói épico cuja fala é carregada de teor incontestável. O herói romanesco prefere silenciar e seu discurso confunde com o discurso do autor que também não declara sua ideologia e a mistura à ideologia geral, ao passo o herói épico profere longos discursos particulares.

Bakhtin e Voloshinov (1926) defendem um olhar sociológico sobre a arte o que implica, necessariamente, uma abordagem para além do aspecto imanente. Aliás, não desmerecem esse foco e chegam mesmo afirmar que o estudo daquilo que é imanente deve ser precedente a abordagem sociológica. Nessa perspectiva, apontam dois pontos de vista que segundo eles estreitam o estudo da arte, uma vez que operam com fatores isolados.

O primeiro equívoco é estudar a obra enquanto *artefato* – objeto acabado e fechado em si, desconsiderando o criador e o contemplador da obra, sujeitos envolvidos no processo. O segundo equívoco, ao contrário da primeira tendência, é considerar, em estudos estanques, a psique do autor ou do contemplador, como se a arte se restringisse àquele que cria e àquele que admira.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O primeiro ponto de vista cujo foco de estudo é a estrutura da obra em si tem como variedade o método formal. Para esse método, a obra poética é um material verbal organizado em forma e vê esse material verbal como elemento linguístico abstrato. Para Voloshinov e Bakhtin esse método de análise da obra de arte não pode ser consistente: “o discurso verbal, tomado no seu sentido mais largo como fenômeno de comunicação cultural, deixa de ser alguma coisa auto-suficiente e não pode ser mais compreendido independentemente da situação social que o engendra.” (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 1926, p. 3). A segunda tendência foca um aspecto do estudo (psique do criador e do contemplador) e deixa de fora a situação de produção e as relações sociais com as quais a obra está vinculada.

As duas tendências de abordagem tendem a analisar as partes como um todo, quando a obra de arte contempla esses três aspectos (forma materializada, psique do criador e do contemplador) num espaço/tempo, historicamente, marcados pelas relações sociais e econômicas. Estabelecidas essas nuances, os autores buscam uma compreensão do discurso estético e afirmam que “o que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas co-criação dos contempladores, e não requer nenhum outro tipo de objetivação. (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 1926, p.4)

O discurso da vida tem conexão estreita com a situação pragmática e por isso é “não auto-suficiente”, necessariamente, ligado ao contexto. O discurso verbal tomado isoladamente somente como fenômeno linguístico se torna vazio, só podendo ganhar plenitude se se observar a entonação, o contexto extraverbal: (horizonte espacial comum, e conhecimento/ compreensão comuns aos interlocutores), ou seja, horizonte espacial e ideacional compartilhados pelos falantes. No entanto, esses autores esclarecem que a situação extraverbal não é a única causa externa atuando sobre o enunciado. A entonação exerce papel significativo na construção de sentidos dos enunciados. Além do mais, o enunciado



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

concreto, significativo pressupõe a parte percebida, realizada em palavras e uma parte presumida (o dito e o não-dito).

O discurso citado, conforme propõe Bakhtin (BAKHTIN, 2002, p. 144), é o discurso de outrem presente no discurso do locutor. Ele entra no discurso de forma autônoma, como uma unidade integral da construção. No entanto, no discurso narrativo, o discurso citado passa ser tema. Na enunciação do narrador há uma integração do discurso do outrem por meio de regras sintáticas, estilísticas e composicional para associá-lo ao próprio discurso, de forma que possa manter a integridade do discurso alheio.

O diálogo tem sido cada vez mais destacado, por ser o elemento real da comunicação. No fenômeno do diálogo, as réplicas são integradas num contexto único e ocorre a recepção ativa e apreciativa da palavra do outro. Quando o diálogo se apresenta no contexto narrativo, onde se opera uma transmissão, ocorrem os chamados discursos direto e indireto, variantes do discurso citado. Há uma diferença entre os casos de diálogos face a face e outros modos de constituição de diálogos, nos casos escritos, por exemplo. Toda transmissão dirige-se a uma terceira pessoa – a quem são encaminhadas as enunciações citadas e isso é fator decisivo nos encaminhamentos das enunciações. Assim, pode-se dizer que as formas sintáticas dos discursos direto e indireto podem não representar a totalidade da apreensão ativa e apreciativa da enunciação de outrem, mas são as estratégias utilizadas nessa tentativa.

A essência da apreensão ativa e apreciativa do discurso do outrem ou tudo aquilo que está relacionado a valores ideológicos tem estrita ligação e expressão no discurso interior. Esse processo efetua-se pela recolocação do discurso de outrem no comentário efetivo na situação e pela elaboração da réplica – a réplica interior e o comentário efetivo são operações internas, indissociáveis e permitem o fluir dos processos de interação verbal. A apreensão do discurso é marcada pelo grau de firmeza ideológica, dogmatismo, autoritarismo das palavras e é possível afirmar



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que quanto mais forte for a presença de questões hierárquicas no discurso do outrem, mais definidas são suas fronteiras e mais difíceis serão os mecanismos de réplicas e comentários, chegando mesmo a bloqueios intransponíveis.

CONCLUSÕES

Ao estudar a produção do discurso na prosa e na poesia foi possível observar que, de fato, cada gênero guarda suas especificidades em relação a como o discurso se materializa. Na poesia - no poema - o poeta monologiza a sua fala, desloca a palavra do uso cotidiano, endeusa a palavra e faz do poema um lugar sagrado, um “púlpito da linguagem”.

No romance, a linguagem apresenta-se de maneira estratificada e o prosador acolhe as diferentes falas. Diferentemente do poeta, na feitura de sua obra, o prosador não se alheia aos discursos de outrem, invoca-os e se utiliza dos discursos sociais, permitindo o plurilinguismo.

Assim, numa perspectiva bakhtiniana, em relação ao discurso de outrem, temos uma sequência cronológica que vai do *Dogmatismo autoritário* caracterizado pelo estilo linear, impessoal e monumental de transmitir a fala da Idade Média; ao *Dogmatismo racionalista* e seu estilo linear mais acentuado do século XVII e XVIII; do *Individualismo realista e crítico* de estilo pictórico, cuja tendência é infiltrar o discurso citado com as réplicas e os comentários do autor e, finalmente, o *Individualismo relativista* com a diluição do contexto narrativo – época contemporânea.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.M. / VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**.4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**.5ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. (1926). **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological potics”), publicada em V.N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

VOLOSHINOV, V.N./BAKHTIN, M. M.(1930).Estrutura do enunciado. Tradução de Ana Vaz, com base na tradução francesa de Todorov, T (La stucture de l’énoncé) In. **Mikhail Bakhtine**. Paris. Seuil. 1981.